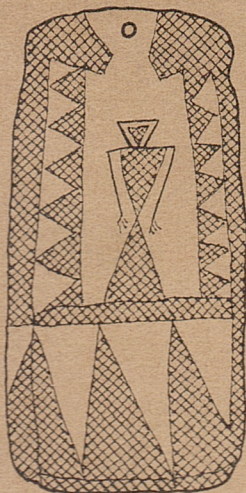


**MUSEU DE ARQUEOLOGIA
E ETNOGRAFIA DE SETÚBAL**

SETÚBAL ARQUEOLÓGICA

VOLUME I



**JUNTA DISTRITAL DE SETÚBAL
1975**

O ARQUEÓLOGO

A. I. MARQUES DA COSTA

por **D. Fernando de Almeida**

Em Setúbal não houve até agora, que saibamos, um arqueólogo notável que aqui tivesse vindo ao mundo; mas António Inácio Marques da Costa, embora nascido a 13 de Março de 1857 em Souzos, próximo de Leiria, foi em Setúbal que se instalou para exercer a sua profissão. Foi aqui militar e nesta cidade continuou a viver depois de ter passado à reserva, por doença. E então, talvez para ocupar a sua inactividade e a queda para a arqueologia resolveu investigar por conta própria o solo da cidade e dos seus arredores. E tão bem se houve que aqui estamos hoje a prestar homenagem à sua memória, recordando esta faceta da sua vida.

Filho de Miguel da Costa e de Maria Inácia, não sabemos se frequentou algum liceu.

No entanto, aos 60 anos, após o decurso de brilhante carreira militar, foi nomeado comandante interino do Regimento de Infantaria de Reserva, n.º 11, atingindo o limite de idade em 1927.

Durante a sua vida militar não se limitou a exercer as actividades que a sua patente exigia. E assim, fez o curso de infantaria, foi professor do curso de sargentos e director regimental. Na vida civil foi professor da Escola Popular e do Liceu de Setúbal.

Organizou uma colecção arqueológica em sua casa e foi um dos que em 1901 assinaram uma petição para ser criado, em Setúbal, «O Museu da Cidade».

Em 1963, para darem a conhecer obras inéditas de Marques da Costa, três jovens setubalenses: o arqueólogo Carlos Tavares da Silva, um dos organizadores destas Jornadas, com Vítor dos Santos Gonçalves, agora assistente de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa e Mateus Gonçalves Cabrita, procuraram inteirar-se dos textos manuscritos que o nosso homenageado de

hoje deixara por publicar. Encontraram-nos na Biblioteca Municipal desta cidade.

E foi assim que Tavares da Silva publicou em 1964, os importantes apontamentos :

«*Estações romanas da região de Setúbal*», «*Vestígios romanos da Colina da Saúde*» e «*Um manuscrito inédito de Inácio Marques da Costa*».

Um outro trabalho, intitulado «Necrópole luso-romana de S. Sebastião (Setúbal)» levou-o aquele mesmo jovem arqueólogo ao IV Colóquio Portuense de Arqueologia, realizado na capital do Norte em 1965 e publicado na revista *Lucerna*, vol. V, Porto, 1966, pág. 572-577.

Estas notas ressentem-se, como é natural, de uma descrição pouco pormenorizada dos vários objectos encontrados. O autor, Marques da Costa, não as deixou preparadas para entrarem no prelo ; mas é evidente o seu mérito, pois chamam a atenção para quem, de futuro, se abanlançar ao estudo da romanização desta área por onde se estende Setúbal.

Trabalho de muito fôlego é o que deixou sobre a vizinha Tróia ; mas aqui parece-nos ter ido mais longe do que seria necessário, por ex., na reconstituição imaginária das casas da chamada Rua da Princesa. Falta-nos é certo a parte final deste já longo estudo mesmo incompleto. Esperamos, no entanto, se ele ainda existe, que um dia, depois de convenientemente revisto, venha a ser publicado, pois terá certamente muito interesse. E o lugar para ele aparecer julgamos que será «O Arqueólogo Português».

Os tempos passam, as coisas e a ideias mudam. Há inúmeras notas no estudo em causa que são inestimáveis, principalmente pelo que se refere a peças ou monumentos desaparecidos nestes quarenta anos volvidos. Um deles julgamos ser o chamado «baptistério», pois embora tivéssemos iniciado escavações por nós dirigidas há uns cinco anos e precisamente na área onde deveria estar o dito monumento ou as suas ainda mais avançadas ruínas, não o encontramos. Por outro lado, a capela com pinturas, bem como as construções vizinhas que também as têm, não nos surgiram exactamente como aparecem nas plantas publicadas por Marques da Costa. Devemos no entanto acentuar que só talvez na próxima campanha conseguiremos ter completamente escavada a parte onde é possível trabalhar nesta zona vizinha da entrada para a chamada Caldeira.

Um outro problema apontado por Marques da Costa é o da suposta localização segundo André de Resende, que cita, de um templo pagão no mesmo lugar onde se encontra a capela. Afirma o nosso arqueólogo (pág. 14) que os romanos nunca teriam feito tal construção sobre a areia, mas sim no solo da antiga povoação romana.

A opinião desse arqueólogo deve estar certa, entre outros motivos

por termos posto a descoberto dois lados da muralha romana, tardia, aguentada por gigantes, que mantêm o solo onde se ergue a actual capela como noutro lugar demonstraremos pormenorizadamente.

O que dissemos não vai em demérito de Marques da Costa ; pelo contrário, pois estudou os problemas, debruçou-se sobre eles com muito interesse : mas não podia ver o que não estava à vista.

O valor do seu trabalho deu-lhe logo o erudito Leite de Vasconcelos, ao oferecer-lhe guarida no seu «Arqueólogo». Se a descrição e algumas considerações sobre o políptico de Mitra mereceram reparos a Cumont e a Jalhay, o principal de tudo estava em tornar conhecido do público, um tal monumento. É tão frequente pensar-se hoje de uma maneira e amanhã, graças a novas achegas pensar-se o contrário, que esses factos não vêm tirar o merecimento devido a quem tanto fez pela arqueologia da região de Setúbal, dando-a a conhecer, para que assim, garantida a sua existência, ela venha a ser integrada neste vasto campo tão apaixonante como irrequieto que é o da Arqueologia. E nisto vai um dos principais merecimentos de António Inácio Marques da Costa.